

Reflexões sobre a Neurorradiologia Intervencionista no Brasil

A Neurorradiologia Intervencionista foi impulsionada na última década pelo extraordinário desenvolvimento de novos materiais, que permitiram tratar com segurança patologias para as quais utilizavam-se produtos artesanais e técnicas pouco reproduzíveis. Recentemente temos observado um avanço de outras especialidades na nossa área de atuação por colegas que se valem da via de acesso comum e de técnicas similares. Isto tem ocorrido por nossos companheiros de sala, com os quais compartilhamos a unidade de radiologia vascular, também chamada de “hemodinâmica”, por um vício de linguagem.

Na realidade, além de vias de acesso e princípios básicos de cateterismo comuns, não se compartilha da compreensão anatômica, fisiopatológica e das indicações e possíveis complicações do tratamento das patologias neurovasculares, que cabem a nós, neurorradiologistas.

Por muitos anos, absortos por nossos afazeres e principalmente por enxergar somente os interesses pessoais, não nos preocupamos com a união de nosso pequeno grupo de especialistas ao redor desta Sociedade, preferindo manter-nos à distância e em atrito com os neurorradiologistas “concorrentes”.

O reflexo desta situação é que,

enquanto nós deixamos espaços abertos, outros profissionais se encarregam de tentar ocupá-los, com muita força e coesão.

Todos sabemos que nossa especialidade vai muito além da dilatação de uma artéria ou da obstrução de uma estrutura vascular.

A resposta a este avanço indevido por colegas de outras especialidades deve ser de protesto coletivo, que é de responsabilidade de nossa Sociedade e do CBR, que assim têm se posicionado, mas também de um esforço individual para nos unirmos e demonstrarmos que somos uma Sociedade Científica que congrega verdadeira-